"A VIRGEM E O MENINO" — CANTO DA MAIA

Nº 68

Mosaico, século X

BOLETIM MENSAL — ASSINATURA AO ANO, 12$00 — PREÇO AVULSO 1$00

Obra das Mães pela Educação Nacional

« MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA »

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 4 6134 — Editora Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

Natal 1944

Sumário

Filiadas da M. P. F. servindo os pobrezinhos

ESTA FESTA DO NATAL

Li num autor francês:

«Devotar-se muito custa pouco, devotar-se pouco custa muito».

Lembrei-me dêste pensamento a propósito da festa linda que aí vem — a santa festa do Natal.

É que todo o mistério do Deus Menino está nisto: — Êle veiu por nossa causa — e, vindo, fê-lo de uma maneira absoluta, total.

Não fez restrições — não poz condições. Foi assim, assim mesmo: um Deus fazer-se Homem.

Isto é: **deu-se. Devotou-se.**

Quando, trinta e três anos mais tarde, chegar a hora do Calvário, a Cruz — já Êle não terá nada de novo a aprender. Belém foi uma antecipação do Gólgota.

A mangedoura de Belém foi o Prólogo. A Cruz, o Epílogo.

E porque assim o quis é que tão pouco lhe custou: **devotar-se muito custa pouco.**

∴

Agora mete-te um poucochinho dentro de ti mesma e pesa tôda essa série infinda de traições e de egoismos em que gastas todos os dias a tua vida de rapariga. Pensa na poeira de mediocridades que deixas cair sôbre a tua alma e com que pretendes encher o coração.

Antes de mais nada, pensas em ti. Repara em ti. Precisamente o contrário do que pensou e realizou Aquêle Deus-Menino. Êle pensou primeiro e sempre, nos outros. Em ti. Em mim. Em todos nós.

Como te matas na procura e solução dos teus pequenos negócios, dos teus pequeninos desejos, dos teus inúmeros caprichos... Como sofres — e o que fazes sofrer aos outros... És, às vezes, como um idolosinho, com peanha, altar e incenso.

E ai de quem te não "venerar„ — quero dizer, ai de quem não andar sempre ao teu redor a louvaminhar, a satisfazer vontadinhas as mais disparatadas, as mais ferozmente egoistas...

Se, ao menos, no fim de contas, fôsses feliz!...

Mas não — sofres quando te não servem logo, ou quando parecem esquecer-te, ou quando te ligaram um bocadinho menos de atenção.

Festa a menos, divertimento a menos, vestido a menos, qualquer dessas tuas vaidades a menos — como sofres, e te martirizas!... — é que: **devotar-se pouco custa muito.**

∴

Experimenta. Faze aí à maneira de Cristo. Dá te aos outros. Pensa nos outros.

Na família do pobre teu visinho que não tem emprêgo; naquela mulher, mãe de não sei quantos filhos, que mal tem tempo para os lavar; naquela obra social onde duas ou três se dão, enquanto tu e milhares como tu, gozam; naquele ceguinho; e naquele pobre envergonhado que morre à fome por não pedir o que tu esbanjas; à tua beira, talvez no desvão da tua escadaria rica — há quem sofra e morra aos bocados...

Faze à maneira de Cristro: — **dá-te** com alegria, em alegria total.

Lição do Natal?

— Devotar-se muito custa pouco, mas devotar-se pouco custa muito.

G. A.

O Menino Jesus

...êste «bago de oiro» tem mais um anjo no seu presépio!

NA poesia popular do Natal é freqüente a alusão familiar ao Menino Jesus. A Mãe é mãe como as outras. Como os outros meninos é o seu Menino Jesus. São ambos como os nossos e como os que vemos à nossa volta. Não é de admirar, por isso, a familiaridade realista, com que as trovas do povo, fundamentalmente loas ao Menino, se referem à Mãe e ao Filho.

As festas, que se fazem às crianças, repetem-se ao Menino do *presépio*. A esta, porém, com encanto especial, por ser do Céu, e não da Terra como as outras. Menino das almas, e não Menino à maneira corporal dos que nascem da família e dos amigos, não recusa carícias, antes aforvora carinhos.

E' da Mãe, é do Filho, é da casa, que a realidade da vida enche de ternura rósea os corações.

O presépio é a casa. Apenas entram nela, "*começou Nossa Senhora a varrê-la e limpá-la*", e logo S. José "*com muito gôsto foi prontamente ajudá-la*„. Acende S. José a fogueira: "*petiscou luz comum fusil que trazia.*„ Dos alforges — por meiguice diz e cantiga que eram "alforginhos" — tira a refeição que levava, e pregunta a Maria se consoava com êle, e com êle se pôs à mesa, comendo ambos "*com muita fé*„ e "*com muito gôsto*„.

Nasce o Menino. A Virgem chama por S. José, que lhe dá "*as faixas e também os cueirinhos*", em que a Mãe "*embrulhou o Deus Menino*„.

Como era pouco, e impróprio que os "paninhos" fôssem da terra e à pobreza dos pais, um Anjo veio do Céu, e lhes "*trazia uns de oiro, outros de prata, outros de cambraia fina*", apesar de "*numas palhinhas deitado*", porque "*não quis nascer em palácios, em doirada e rica cama*„.

E o berço era a manjedoira do curral; se tem S. José ofício de carpinteiro, bem podia fazer-lhe o berço!

— O' meu rico São José,
Carpinteiro como os mais;
Porque não fazeis um berço.
Para o Menino que embalais?

Por isso há quem prometa dar-lhe "*rica caminha para se deitar*„. Ele é "*pequenino com'ó oiro*" !

Está no berço. Quere dormir o "soninho descansado"

Os anjos embalam o Menino, e cantam para o adormecer.

— Esta noite, à meia-noite,
Ouvi cantar ao Divino:
Eram os anjos do Céu
A embalar o Menino

E vai de aí — o Menino é tão lindo! tão encantador! — que lhe hão-de chamar senão carícias e mimos, como "*boquinha de requeijão*", "*boquinha de santidade*", "*bago de oiro*", *boquinha de cereja*", "*botãozinho* (de fresca rosa) *mais galante*", e até, para mais expressão de doçura, "*boquinha de marmelada*„ ! E "*amor-perfeito*„ ? E "*lindo cravo*„ ?

Também S. José embala o Menino. Como é homem, e tem menos jeito, ou paciência sequer, embala-o com o pé.

Logo a Virgem o adverte da tontura, que o leva ao desrespeito! Não era um Menino qualquer! Mais fino: Jesus de Nazaré.

— José, embala o Menino
Com a mão, nanja co'o pé:
Que o Menino, que embalais,
E' Jesus de Nazaré!

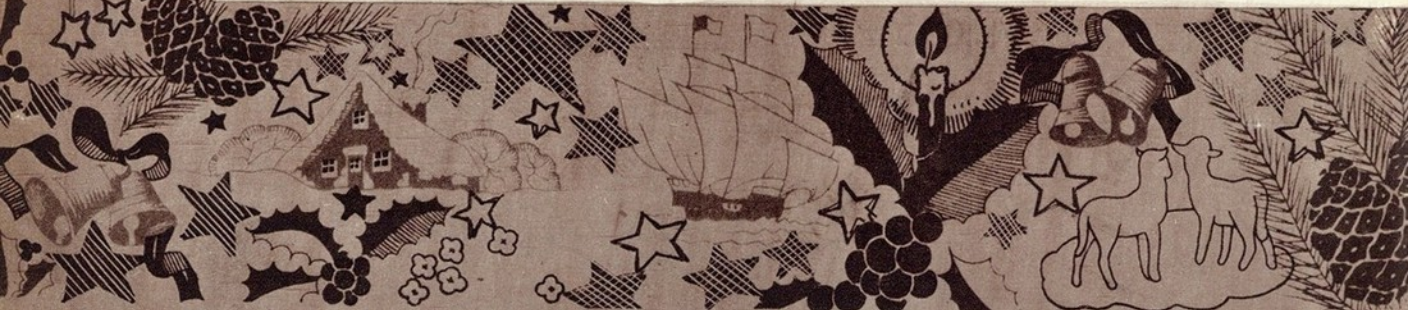
Ora o Menino veste-se. Veem-lhe as camisas e a casaquinha de botões de prata. Calça-se: prometem-lhe sapatos.

Preguntam ao Menino quem lhe deu a "*casaquinha*„ com "*botões de prata fina*„. E "*de quem são as camisinhas, que estão no estendedoiro*„ ?

Na altura de escolher cada um os presentes, que é de boa correcção de amigos dar ao recém-nascido, então animam-se os projectos. Vai de aqui, são os *sapatos*:

— Hemos d'ir à feira,
Compramos-tos baratos.

de além prometem-se as *meinhas*, ao ouvir falar dos sapatos, pois querem cá o Menino sem meias! — mesmo assim:

— Eu vo-las darei,
De linhas bem finas;

e ainda, muito melhor que as de linhas, finas como luar, com o voto de a mulher as fazer:

> Eu vo-las farei:
> De salve-raínhas;

e *camisinhas* de "cambraia fina„, quando mais as prometem de bretanha, e *"polainitos de cristal„*. Que poesia infatilíssima nestas meínhas de fio de *salve-rainhas*, e polainicos de cristal! Para boquinhas de cereja e bagos de oiro, havemos de concordar que estão na altura da rima espiritual.

Então *"vestido de azul celeste„!* E' manifesto que devia ser assim: — Menino, que vinha dos Anjos, animado por êles, mais do que adorado como seu Maior, havia de vestir de azul, côr do Céu, de onde nasceu, ou de rosado infantil das madrugadas.

> — O'! Meu Menino Jesus,
> Vestido d'azul celeste!

Nem o amarelo é recusado para vestir o divino infante:

> — O' meu Menino Jesus,
> De casaquinha amarela:
> Não há laços, que me prendam,
> Senão na vossa capela!

Se, apesar de tôdas estas promessas, que lhe fazem, e não esquecem a *"faixa para a cintura„* nem sequer a *"fita para o chapéu"*, mais

> ...a linda pomba branca,
> Para o Menino brincar,

o que mais impressiona, ainda são as camisinhas, a misteriosa e oculta roupita branca, bem cingida ao corpito sagrado. Nas bonecas, nos bebés limpinhos, e bem vestidos, não é porventura às roupas de baixo que as mulheres logo vão espreitar? As de cima estão à vista!

Quais, das camisinhas prometidas, seriam as que a Mãe lavava, antes do Filho se baptizar? As de cambraia fina ou as de bretanha? Pregunta-se na dúvida.

> — De quem são as camisinhas
> Que a Senhora está a lavar?
> — São do Menino Jesus,
> Qu'inda está p'ra baptizar!

Por certo, o Menino usa a roupa e suja-a como qualquer. E' Maria quem lava no Jordão a roupa do Menino. E' *"à borda do rio"*, que lava os paninhos. Se não vai ao rio, fica no *"chafariz"*, ou na *"fonte de Belém„*. O Menino chora, mas descanse "que a Mãe logo vem".

S. José, carinhoso, vai estendendo no rosmaninho os *"cueiros do Menino„*. E' por isso que a cantiga brada aos pastores que não queimem o rosmaninho. E por que é que cheira tão bem, cheira que rescende? Por nêle estender Maria ou S. José a roupinha do Menino: o rosmaninho da serra *"louva o Redentor sôbre a terra„*.

Quem há-de acalentar a criança senão a *"sua mamãzinha, que lhe há-de dar de mamar„?* Tem o filho ao colo, *"que lhe está muito bem„...* *"A mãe, co'filho nos braços, dar-lhe de mamar queria„*. Chora de frio o bébé *"aconchega-o, a Mãezinha"*, e o Menino logo cala.

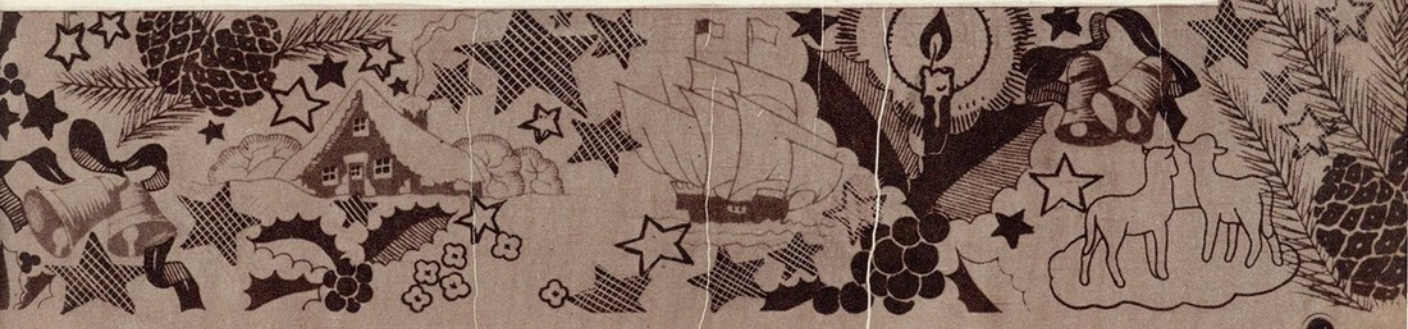
Creem-no já tamaninho, e preguntam-lhe, porque o vêem chorar, quem lhe bateu. Êle responde que foram as môças na fonte (— que brincadeira infantil teria feito! —). De outra vez, foi a avó quem lhe bateu, por êle, como criança atrevida, *"ter fugido aos pais„*.

Outro dia, foi ter com S. José; ia a chorar, lamentoso, porque tinha deixado por esquecimento os "sapatinhos em *Casa de Santo André„*.

A Mãe deu-lhe um beijo, o Menino chorou. Por que havia de chorar? A quem lho preguntou, respondeu com lágrimas de queixa, que só tinha sido um beijo, e queria mais.

> — Ó meu Menino Jesus,
> Que tendes, por que chorais?
> — Deu-me minha mãe um beijo,
> Choro p'ra que me dê mais.

Estas ternuras encantadas com o Menino, tu cá tu lá como qualquer Menino das nossas relações, manifestam a intimidade familiar na crença e nas realidades religiosas. Por que não havia de ser assim tratado o Menino Jesus, quando é o "bago de ouro„, a "boquinha de requeijão„, lábios "de cereja„, que nos atrai pela infantil presença?

LUÍS CHAVES

DO INSTRUMENTAL NO PRESÉPIO PORTUGUÊS

Dia de Natal!

A família Portuguesa, rodeando o presépio, comemora o Nascimento do Deus-Menino.

Atentamente olhamos as deliciosas figurinhas que o compõe: Nossa Senhora, São José, e o Menino que, deitado em seu leito de palhinhas, é aquecido pelo bafo amigo da vaquinha e do burrinho.

E não é a riqueza dos três Reis Magos, Baltazar, Belchior e Gaspar que, montados em seus camelos, descem vagarosamente a encosta para oferecerem as jóias do seu tesoiro que mais nos prendem, mas sim, os simples pastores com seus presentes de leite, ovos, queijo e mel.

Reparai. Alguns trazem mesmo seus instrumentos musicais para melhor festejarem tão belo acontecimento.

Este tem a flauta pastoril, *e aquêle a* gaita-de-foles.

Mas, não só os pastores com seus instrumentos populares, devem chamar a nossa atenção.

Os Anjos, que rodeiam o Presépio, em cânticos de louvor, dão-nos subsídios de valor inestimável pela diversidade de instrumentos que apresentam, — e constitui um ponto capital para o estudo dêste belo capítulo da cultura.

Os Orgãos *portáteis, os pequenos* clavicórdios, *as* sanfonas, *as* charamelas, *as* violas, *os* cistros e alaúdes, *ou as* violas de braccio, *e* violas da gambe *são, com efeito, documentos de excepcional valor das épocas em que foram esculpidos, ou pintados. No entanto, apesar dêste real interêsse, o estudo instrumental em Portugal tinha que fazer-se, até aqui, ùnicamente através de tôdas estas reproduções mais ou menos fiéis — e que o tornavam imperfeito.*

Porém, temos razões para acreditar que esta lacuna no nosso ensino musical em breve acabará, devido à criação de um Museu da especialidade no Conservatório Nacional.

A organização de um Museu Instrumental impõe-se urgentemente para o completo desenvolvimento intelectual do nosso meio musical — e sempre constituiu uma das mais elevadas aspirações do músico culto da nossa terra.

Mas, as possibilidades dessa magnífica obra não poderiam ter a sua completa finalidade, e, portanto, nunca o seu completo alcance cultural, sem a forte personalidade do Dr. Ivo Cruz *que no Conservatório empreende uma louvável acção de renovação e, ao mesmo tempo, de ressurgimento de alguns dos aspectos mais marcantes da arte musical portuguesa.*

Aí, vamos aprender a admirar as maravilhas instrumentais que o passado nos legou, com a Espineta *italiana, com pintura repre-*

sentando Moysés mostrando a serpente ao povo, de Antonius Bononiensis, do ano de 1592; a Virginal *de Hans Ruckers, de 1620, factura flamenga com finissima pintura da cidade de Antuérpia;* a Virginal *italiana, tendo pinturas que representam a volta de uma pesca, com paisagem ao fundo, barcos, figuras e ornatos, assinada por Ioannes*

Orgão — Século XVI e XVII

Clavicórdio e Theordas — Século XVII e XVIII

Virginal de Joanne Landi — 1670

Landi, no ano de 1670; o Cravo de penas, *também de elegante factura italiana, com dois teclados e pinturas no tampo interior, de uma paisagem com castelo, rio, e figuras, assinado por Nicolaus di Quoco em 1690;* do Clavicórdio, *igualmente com artisticas pinturas, sôbre fundo vermelho, representando Adão e Eva no Paraiso, de Gaspare Assalone, datado de 1732;* as Harpas *de Cousineau e Naderman, do século XVIII, que nos encantam pela Beleza da forma e riqueza no detalhe;* a Pochette, *do feitio de uma gôndola, em cedro, com embutidos de madrepérola, marfim e tartaruga, de Costa Trevisi, ano de 1640;* da Viola da Braccio *de Nicolaus Constantini, de 1508; e da* Viola da Gambe e Violoncelo, *com filetes lindamente trabalhados no estilo Maggini, de Barak Norman, do século XVIII; etc., etc..*

*

* *

E'-nos grato poder anunciar que os primeiros passos para a instalação do Museu Instrumental no Conservatório já foram dados, Museu que ficará sendo o primeiro da Peninsula e um dos melhores da Europa.

Natal 1944

Maria Antonietta de Lima Cruz

(Conservadora do Museu Instrumental do Conservatório)

TEMPERANÇA

A' Maria Leonor, a boa amiga da minha filha

A Temperança
Fresco de GIOTTO
Capela Arena de Pádua
1276 - 1336

TEMPERANÇA é a virtude que modera os nossos impulsos, tempera as afeições, multiplica os desejos santos, põe em ordem as idéias confusas e desordenadas, faz a alma serena, branda e tranqüila.

Mas a que propósito vem esta doutrina? A propósito do destempêro de certas raparigas na maneira de exteriorizar as suas afeições.

* * *

Raras são aquelas que procuram com cuidado as suas amigas, por isso muitas são, as que não têm amigas verdadeiras. E' preciso ter amigas e sobretudo guardá-las enquanto se é nova. As amizades que nascem na escola, na mocidade, são as que perduram para sempre.

Mas, ter amigas não é admirar o envólucro de tal ou tal, correr entusiàsticamente a lisongear, afirmar que se suspira a compasso pelos mesmos gostos e se tem as mesmas aversões.

Isso é a amizade vã e frívola.

Há raparigas que por pertencerem a uma família em destaque, ou porque de facto têm distinção natural, sentem-se felizes alimentando a vaidade de possuir uma côrte de «amigas» de quem elas põem e dispõem a seu grado. Chega a sua inconsciência a graduá-las de tempos a tempos segundo o seu entusiasmo passageiro, dizendo:

«Fulana já foi a minha melhor amiga, agora está em terceiro lugar». E há quarta, quinta e sexta classe...

Baseada em quê esta afeição?

Na lisonja... e onde há lisonja não há amizade. Não há coisa que tão fàcilmente corrompa as almas como a «adulação». Por isso são para desviar tôdas as amigas que elogiam, e para apreciar aquelas que delicadamente nos fazem conhecer os nossos defeitos e nos acodem quando estamos em perigo de errar. Uma amiga que faz capa a uma má acção não é amiga.

A boa amiga repreende com afeição feita de caridade.

A verdadeira amizade, conhece-se nas conversas honestas e proveitosas, em que as palavras são sempre simples e sobretudo sem sombra de lisonja.

— "Escuso de mostrar como as palavras informam do ânimo; porque assim como pelo correio que vem de tal parte sabemos as novas que lá vêm, assim pelas palavras que vêm do juizo, sabemos o que lá vai".

Esta era a opinião de D. Francisco Manuel de Mello, e gostaríamos que com êle concordasse a mocidade de hoje que tanto se serve de palavras exageradas e sem propriedade.

Queremos aqui lembrar como o uso freqüente de certos termos afectam o espírito das afeições e gostos, levando do exagêro à falsidade.

Vejam. Não há graduação, não há meios tons ou meios termos.

O menos que se faz é saltar do óptimo para o horrível, mas é também vulgar usar o superlativo três vezes, dizendo: Isto ou aquilo é "óptimo, óptimo, óptimo" ou "horrível, horrível, horrível".

Êste refôrço de expressão acompanhado da falta de propriedade tiram tôda a pureza que possa haver na intenção das afeições.

Quando uma rapariga vê outra pela primeira vez e num relance diz dela que a acha "simpatiquíssima, uma jóia, um encanto, um amor..." não pode ser verdadeira porque não tem bases para ser justa.

Emprega as palavras de cor, pelo abuso, sem sentir, e vê-se forçada tempos depois a desdizer-se ou afastar-se.

* * *

As palavras já não são puras.

Se de um cão "*bull-dog*" ou "*pequinois*" se diz três vezes que é um *amor*, se tudo é *imenso, fantástico, terrível*, quando se *adora* um par de sapatos, um gelado, um actor... é que não há mais lugar no coração!

No coração não pode haver mais espaço e na bôca não há mais palavras. Como se poderá falar de Santa Terezinha sem vergonha de empregar a palavra *amor?*

Quem ao dizer *imenso* é capaz de lembrar a imensidade e beleza do mar, e o *horror* da guerra, e o *fantástico* da ciência?

Finalmente quem ousará falar de *adoração* que não seja aquela que só devemos a Deus?

Mámia

Bonecas vestidas com costumes regionais polacos

FESTEJOS POPULARES DO NATAL NA POLÓNIA

No rico cabedal dos costumes polacos, entre as belas festas tradicionais, o Natal é a principal. Em tôrno das comemorações da Natividade, persistem numerosos ritos e cerimónias de origem muito remota, assim como curiosos costumes populares.

O dia mais atraente das festas não é pròpriamente o dia 25, mas a noite da véspera, que na Polónia se chama "Wigilia" ou "Wilia", em português "vigilia", vocábulos derivados do latim. Assim que a primeira estrêla cintila no céu invernal, a família reüne-se em tôrno da mesa para a ceia da "Wigilia" do Natal. O dono da casa toma da mesa o "oplatek" ou seja o pão bento, e o reparte com todos os presentes, entre beijos e abraços, trocando os melhores votos de prosperidade e felicidade, não só para a vida presente, mas também para a vida futura.

Depois da ceia, acende-se a árvore do Natal, e os convidados celebram a natividade do Homem-Deus, cantando hinos, de que a Polónia possui, sem dúvida, a maior e mais rica colecção, entre os países cristãos. Geralmente começa-se pelo cântico que começa assim: "Na tranqüilidade da noite, uma voz chama ao longe: Levantem-se Pastores, nasceu entre vós o Menino-Deus, venham a Belém louvar o Senhor, louvar o Senhor."

Embora não sendo um costume nascido na Polónia já encontrámos menção de decoração da árvore, não inteira, mas de um galho apenas, em 1720, num escrito de Frei António Sapczynski, que fala sôbre a ornamentação dos galhos, com enfeites doirados e brilhantes. As ornamentações do Natal na Polónia, hoje, têm uma feição bem natural. Inspiradas, sobretudo, nas idéias dos campónios, são feitas de papel e cascas de ovos de uma maneira muito original e verdadeiramente artística. Depois das felicitações e manifestações de alegria, é costume irem todos à igreja, assistirem à missa da meia-noite, que em polaco se chama "pasterka", e, entre nós, é conhecida por "missa do Galo".

Logo que se entra na igreja, chama a atenção um grande presépio "szopka", com tôdas as figuras tradicionais do Evangelho e mais ainda, camponeses e pastores em costumes regionais.

Os meninos da aldéia têm um papel muito importante nas festas do Natal. Vão de casa em casa, vestidos à moda primitiva, cantando e tocando. As representações são muito antigas, pois datam do tempo que essas exibições constituiam as únicas representações teatrais. Os mesmos costumes se observam em tôda a Polónia. Os vários papéis representam o Rei Herodes, um Judeu, os três Reis Magos, e, às vezes, "A Morte" e o "Diabo" que vem para matar o pérfido Herodes.

Em alguns distritos, em vez de personagens, os meninos levam consigo um guignol.

Êsses pequenos teatros variam em tamanho e de forma, de acôrdo com a província, mas, em geral, assemelham-se a umas casinholas flanqueadas de duas tôrres. Em frente, há um pequeno palco, onde os fantoches cantam e dialogam. Os personagens são sempre os mesmos: um casal de camponeses de Cracóvia, ucranianos, um judeu, um cigano com o seu urso; uma feiticeira batendo manteiga, o herói predilecto da lenda da Polónia, Pan Twardowski e também o Rei Herodes, cuja cabeça é cortada e a quem o Diabo manda para o inferno, "por todo o mal que praticou". No fim da representação, um velho mendigo aparece com um saco, no qual os espectadores lançam moedas. Um outro costume inclui entre os personagens um "Touro" e um "Bisão". Os rapazes caracterizam-se de vários modos, e põem uma cabeça de animal feroz, cuja mandíbula articulada abre-se de modo assustador.

São êsses os regozijos do Natal polaco, celebrado com cânticos alegres.

HISTÓRIAS DA MINHA AVÓ

O NATAL

Desde criança que minha Avó ouvia contar a sua Mãe e Avó o encanto e a alegria da noite de Natal na grande e bela cidade de Buenos Aires, onde passavam todos os anos os meses de Maio a Julho. E sempre, ao ouvir essa descrição, aumentava o seu desejo de passar um Natal na capital, mas nunca assim sucedia, porque era a época em que estavam em Dolores ou na estância, segundo o tempo quente apertava mais cedo ou um pouco mais tarde.

Em Dolores, pequena cidade de provincia, iam à missa da meia noite depois de ter ceado com pessoas amigas, em geral com a familia do general Rosas, as mais intimas das suas relações, e, embora fôsse sempre uma noite de festa, com o presépio iluminado na ampla sala de jantar, só depois dos dez anos lhe foi permitido assistir à ceia e ir à missa da meia noite.

Na cidade mal iluminada a ampla Igreja parecia-lhe linda com o seu altar cheio de luzes e flores; mas se nos bancos reservados se viam muitas senhoras com as suas frescas «toilettes» de verão (o Natal é no tempo quente na Argentina), o resto da Igreja era invadido pelo povo, e muitos «gaúchos» de largo chapéu e «poncho» enrolado com o tiro de bolas com que armam o laço aos bois e cavalos bravos que formavam a maioria da assistência.

Na estância, longe de tudo, sem Igreja perto, limitavam-se as senhoras a armar na sala um lindo presépio, que era visitado por todo o pessoal da estância e visinhas mais próximas, e, na Noite de Natal, depois da ceia, tôda a familia e criadas, não só as criadas da casa, como também as que guardavam o gado e trabalhavam no campo, se reüniam na sala rezando em comum e cantando ao Menino Jesus «coplas», compostas algumas naquele momento, e, outras, tradicionais naquelas regiões.

E minha avó, ao contar isto, revia a grande sala com quatro janelas, abertas por causa do calor, as grandes cortinas de cassa bordada ondulando com a ligeira briza e as grandes borboletas de côres vivas, que adejavam em torno das velas de cera, fabricadas em casa, que espalhavam um cheiro adocicado.

Revia sua Mãe e sua Avó, com os seus vestidos de sêda preta com amplas e tufadas saias. Seus dois irmãos, lindos tipos de argentinos muito loiro e branco dum rosado avivado pelo ar livre; Marcos é moreno, de grandes olhos escuros, Luciano, o mais velho. E via as criadas graciosas e novas algumas, e outras que há tantos anos serviam a família e nela tinham envelhecido, e dizia sempre sentir o cheiro a gado e à selva, que espalhavam na atmosfera, os vaqueiros que se aglomeravam na sala de entrada e no pateo, ousando apenas entrar para beijar o pé ao Menino, fazendo o andar leve para não esmagar a esteira fininha, que atapetava o chão, num luxo leve de casa de campo. Mas não era êsse o Natal que a interessava; era o da cidade, em que falavam as senhoras, e que as sobrinhas lhe diziam ser uma noite de alegria e vida na rica e nova cidade, com as suas ruas em perfeita esquadria. No dia em que fez 15 anos, ao receber os presentes que em grande bandeja lhe eram apresentados, sua mãe preguntou-lhe o que era que queria agora que já era uma senhora.

— Passar a noite de Natal na cidade de Buenos Aires.

E sua mãe que via nela a mais nova de seus filhos e que lhe fazia todas as vontades, sacrificou-se e com ela a avó que tantos anos já contava, mas rija e saüdável como agora não o são as raparigas de vinte anos, e ambas resolveram em vez de partir para o Sul em busca do fresco, que no verão tão apreciável é, deixar Dolores e seguir para a capital na pesada mala-posta, que levava dias a lá chegar, pernoitando nas mudas que de léguas a léguas encontravam. E que alegria não foi para ela a chegada à cidade onde as sobrinhas a esperavam, as três lindas raparigas que eram a sua maior amisade. Ramona, a mais velha, que tinha o nome da mãe, já estava para casar; Genira, a segunda, era duma beleza mística de traços finíssimos onde se

(Continua na pág. 15)

Encerram-se êste mês as actividades dos Centros. Como aproveitaste o teu ano de filiada? Tornaste-te melhor? Aumentaste os teus conhecimentos úteis? Aprendeste a "servir a Deus e à terra"? Mereceste trazer sôbre o coração o teu emblema?

S	1	S. Fortunato	Q	13	St.º António de Lis.	T	19	St.ª Juliana de Fal.
S	2	S. Marcel. e Comp.	Q	14	S. Basílio Magno	Q	20	S. Silvério
D	3	2.º dep. de Pentec.	S	15	St.os Vito e Comp.	Q	21	S. Luís Gonzaga
S	4	S. Franc. Caraciolo	S	16	S. João Franc. Régis	S	22	Bt.º Franc. Pacheco
T	5	S. Bonifácio	D	17	4.º dep. de Pentec.	S	23	St.ª Edeltrudes
Q	6	S. Norberto	S	18	St.º Efrém	D	24	5.º dep. de Pentec.
Q	7	S. Roberto				S	25	S. João Baptista
S	8	Sagr. Cor. de Jesus				T	26	St.os João e Paulo
S	9	St.os Primo e Feli.			**Junho**	Q	27	S. Crescente
D	10	3.º dep. de Pentec.				Q	28	St.º Ireneu
S	11	S. Barnabé				S	29	S. Pedro e S. Paulo
T	12	S. João de S. Fac.				S	30	Comem. de S. Paulo

Uma boa filiada deve ser também uma boa alma. Se trabalhaste com consciência, descansa, agora, contente! Que agradáveis são as férias, quando elas são a justa recompensa do nosso esfôrço de trabalho.

D	1	6.º dep. do Pentec.	S	13	St.º Anacleto	S	20	S. Jerón. Emiliano
S	2	Visitação de N.ª S.ª	S	14	S. Boaventura	S	21	St.ª Praxedes
T	3	S. Leão II	D	15	8.º dep. do Pentec.	D	22	9.º dep. de Pentec.
Q	4	St.ª Isabel, Rainha	S	16	N.ª S.ª do Carmo	S	23	St.º Apolinário
Q	5	St.º António M. Zac.	T	17	St.º Aleixo	T	24	St.ª Cristina
S	6	S. Isaías	Q	18	S. Camilo de Lellis	Q	25	S. Tiago
S	7	St.os Cir. e Metódio	Q	19	S. Vicente de Paulo	Q	26	St.ª Ana
D	8	7.º dep. do Pentec.				S	27	S. Pantaleão
S	9	St.os Márt. de Gor.				S	28	St.os Nazário e Celso
T	10	St.os Sete Irmãos			**Julho**	D	29	10.º dep. do Pentec.
Q	11	S. Pio I				S	30	St.os Abdon e Sénan
Q	12	S. João Gualberto				T	31	St.º Inácio de Loiola

NOTAS

NOTAS

Férias! São um dom de Deus — aproveita-o bem! Não estragues as tuas férias com uma vida excessivamente mundana. Procura fazer uma vida higiénica repousante e em todos os meios e ocasiões mostra-te sempre que deves ser: "rapariga séria"!

Agosto

Q	1	S. Pedro	S	13	S. João Berchamans	S	20	S. Bernardo
Q	2	St.º Afon. de Ligório	T	14	S. Marcelo	T	21	St.ª Joana de Chan.
S	3	Inv. de St.º Estêvão	Q	15	Assunção de N.ª S.ª	Q	22	S. Sinforiano
S	4	S. Domingos	Q	16	S. Joaquim	Q	23	S. Filipe Benício
D	5	11.º dep. do Pentec.	S	17	S. Jacinto	S	24	S. Bartolomeu
S	6	Transfig. do Senhor	S	18	B. Beatriz da Silva	S	25	S. Luís
T	7	S. Caetano	D	19	13.º dep. do Pentec.	D	26	14.º dep. do Pentec.
Q	8	St.os Ciríaco e Comp.				S	27	S. José de Calasânsio
Q	9	S. João M. Vianney				T	28	St.º Agostinho
S	10	S. Lourenço				Q	29	Degolação de S. J. B.
S	11	St.os Tibúrcio e Sus.				Q	30	St.ª Rosa de Lima
D	12	12.º dep. de Pentec.				S	31	S. Raimundo Nonato

Ser graduada é ser, entre as melhores, as primeiras. Vais fazer o teu exame. Estás bem habilitada, talvez. Mas isso não basta! Amas a M. P. F.? Estás disposta a servi-la generosamente? Quais são os teus projectos?

Maio

T	1	St.os Filipe e Tiago	D	13	Na S.ª da Ascenção	D	20	Pentecostes
Q	2	St.º Atanásio	S	14	S. Bonifácio	S	21	S. Secundino
Q	3	Inven. da St.ª Cruz	T	15	S. João B. de la Salle	T	22	St.ª Quitéria
S	4	St.ª Mónica	Q	16	St.º Ubaldo	Q	23	S. Basileu
S	5	S. Pio V	Q	17	S. Pascoal Bailão	Q	24	N. S. Aux. dos Cris.
D	6	5.º dep. da Páscoa	S	18	S. Vnnâncio	S	25	S. Gregório VII
S	7	St.º Estanislau	S	19	S. Pedro Celestino	S	26	S. Filipe de Néri
T	8	Apar. de S. Miguel				D	27	Santís.ma Trindade
Q	9	S. Gregório Nazien.				S	28	St.º Agostinho de C.
Q	10	Ascenção do Senhor				T	29	St.ª Maria M. de P.
S	11	S. Francixco de Jer.				Q	30	S. Félix
S	12	Bt.ª Joana				Q	31	Corpo de Deus

A Páscoa é a maior solenidade cristã. "É êste o dia que o Senhor fez para nossa alegria". Mas esta alegria só a merece quem com Cristo ressuscitou para uma vida nova, mais alta e mais pura! A "Aleluia" canta-se na terra, mas é do céu!

Abril

D	1	Páscoa	S	13	S. Hermenegildo	Q	19	S. Leão IX
S	2	S. Franc. de Paula	S	14	S. Justino	S	20	S. Marcelino
T	3	S. Pancrácio	D	15	2.º dep. da Páscoa	S	21	St.º Anselmo
Q	4	St.º Isidoro	S	16	S. Frutuoso	D	22	3.º dep. da Páscoa
Q	5	S. Vicente Ferrer	T	17	St.º Aniceto	S	23	S. Jorge
S	6	S. Celestino	Q	18	Patroc. de S. José	T	24	S. Fiel Sigmaringa
S	7	St.º Epifanio-				Q	25	S. Marcos
D	8	1.º dep. da Páscoa				Q	26	St.ºs Cleto e Marc.
S	9	S. Tomás de Tolen.				S	27	S. Pedro de Canísio
T	10	St.º Alexandre				S	28	S. Paulo da Cruz
Q	11	S. Leão Magno				D	29	4.º dep. da Páscoa
Q	12	S. Vitor				S	30	St.ª Cat. de Sena

Férias! Estás talvez a passá-las numa Colónia de Férias da M. P. F., onde refazes as tuas fôrças físicas, numa vida sã e alegre. Mas outro bem maior deves trazer da "Nossa Casa", o espírito da M. P. F.! Deves regressar "Mocidade" 100%!

Setembro

S	1	St.º Egídio	Q	13	S. Filipe	Q	19	St.ºs Jan. e Comp.
D	2	15.º dep. do Pentec.	S	14	Exalt. da St.ª Cruz	Q	20	St.ºs Eust. e Comp.
S	3	St.ª Tecla	S	15	As 7 Dores de N.ª S.ª	S	21	S. Mateus
T	4	St.ª Rosa de Viterbo	D	16	17.º dep. do Pentec.	S	22	S. Tomás de V. N.
Q	5	S. Lourenço Justin.	S	17	Estig. de S. Franc.	D	23	18.º dep. do Pentec.
Q	6	S. Vitorino	T	18	S. José de Cupertino	S	24	N.ª S.ª das Mercês
S	7	St.ª Regina				T	25	B.º Camilo Const.
S	8	Nativid. de N.ª S.ª				Q	26	St.ºs Cipr. e Justina
D	9	16.º dep. do Pentec.				Q	27	St.ºs Cosme e Dam.
S	10	S. Nicolau de Tolen.				S	28	S. Venceslau
T	11	St.ºs Proto e Jacinto				S	29	Dedic. de S. Miguel
Q	12	Sant.mo Nome de M.				D	30	19.º dep. do Pentec.

Festeja o "Dia da Mãe" com todo o carinho de que sejas capaz. Festeja o Dia de Natal recebendo no teu coração Aquele que desceu do céu por teu amor. E lembrando-te também dos pobres, pois será, ainda, festejar Jesus...

Dezembro

S	1	St.º Eloi	Q	13	St.ª Luzia	Q	20	S. Doming. de Silos
D	2	1.º do Advento	S	14	St.ºs Just. e Abún.	S	21	S. Tomé
S	3	S. Francisco Xavier	S	15	St.ª Cristina	S	22	S. Flaviano
T	4	S. Pedro Crisólogo	D	16	3.º do Advento	D	23	4.º do Advento
Q	5	S. Geraldo	S	17	S. Lázaro	S	24	Vigília do Natal
Q	6	S. Nicolau	T	18	N.ª Senhora do Ó	T	25	Natal
S	7	St.º Ambrósio	Q	19	S. Fausto	Q	26	St.º Estêvão
S	8	Imacul. Conceição				Q	27	S. João
D	9	2.º do Advento				S	28	St.ºs Inocentes
S	10	St.ª Eulália				S	29	S. Tomás da Cant.
T	11	S. Dâmaso				D	30	Na oitava do Natal
Q	12	St.ª Adelaide				S	31	S. Silvestre I

Embora o nosso destino esteja nas mãos de Deus, a nossa vida depende também muito da nossa vontade. Como queres viver êste ano? O que queres fazer dêle? Escreve os teus propósitos, pondo os olhos bem alto!

Janeiro

S	1	Circunc. do Senhor	S	13	S. Remígio	S	20	St.ºs Fab. e Seb.
T	2	Sant.mo N. de Jesus	D	14	2.º depois da Epif.	D	21	3.º depois da Epif.
Q	3	St.º Antero	S	15	S. Paulo 1.º Eremita	S	22	St.ºs Vicente e An.
Q	4	S. Tito	T	16	St.ºs Már. de Mar.	T	23	S. Raim. de Penhaf.
S	5	S. Telésforo	Q	17	St.º Antão	Q	24	S. Timóteo
S	6	Epifania	Q	18	S. Pedro em Roma	Q	25	Conver. de S. Paulo
D	7	Sagrada Família	S	19	S. Gon. de Amarante	S	26	S. Policarpo
S	8	S. Severino				S	27	S. João Crisóstomo
T	9	St.º Agatão				D	28	Sptuagésima
Q	10	St.ª Marciana				S	29	S. Francisco de Sales
Q	11	St.º Hegino				T	30	St.ª Martinha
S	12	St.ª Taciana				Q	31	S. João Bosco

A alegria é necessária e pode até ser uma virtude. "Alegrai-vos no Senhor!" Mas a alegria verdadeira não é a desordem de certos divertimentos estouvados e perigosos. Que o Carnaval te não deixe remorsos! Diverte-te sem te diminuir . . .

Fevereiro

Q	1	St.º Inácio	T	13	5 Chagas do Sen.	S	17	S. Silvino
S	2	Purific. de N. S.ª	Q	14	Cinzas	D	18	1.º da Quaresma
S	3	S. Brás	Q	15	S. Faustino	S	19	S. Conrado
D	4	Sexagésima	S	16	St.ª Juliana	T	20	St.º Eleutério
S	5	St.ª Águeda				Q	21	St.ª Leonor
T	6	S. Tito				Q	22	S. Pedro de Antioq.
Q	7	S. Romualdo				S	23	S. Pedro Damião
Q	8	S. João da Mata				S	24	S. Matias
S	9	S. Cirilo de Alexan.				D	25	2.º da Quaresma
S	10	St.ª Escolástica				S	26	St.º Alexandre
D	11	Quinquagésima				T	27	S. Gab. de N. S. D.
S	12	St.os Fund. dos Ser.				Q	28	S. Macário

O cupa-te com generosidade na confecção dos berços e enxovais e na preparação das "embaixadas da bondade e da alegria". Dá tudo o que puderes e dá-te a ti mesma! Não há nada melhor do que ser bom! Alegria mais perfeita de que dar alegria!

Novembro

Q	1	Todos os Santos	T	13	S. Didaco	S	19	S. Julião
S	2	Fiéis Defuntos	Q	14	S. Josafá	T	20	S. Félix de Valois
S	3	St.º Huberto	Q	15	St.º Alberto Magno	Q	21	Apresen. de N.ª S.ª
D	4	24.º dep. do Pentec.	S	16	St.ª Gertrudes	Q	22	St.ª Cecília
S	5	St.os Zacar. e Isabel	S	17	S. Gregór. Taumat.	S	23	S. Clemente I
T	6	Bt.º Nuno Álv. Per.	D	18	26.º dep. do Pentec.	S	24	S. João da Cruz
Q	7	S. Florêncio				D	25	27.º dep. do Pentec.
Q	8	S. Mauro				S	26	S. Silvestre
S	9	S. Luís Beltrão				T	27	S. Valeriano
S	10	St.º André Avelino				Q	28	S. Gregório III
D	11	25.º dep. do Pentec.				Q	29	S. Saturnino
S	12	S. Martinho I				S	30	St.º André

A bertura dos Centros. Para ti, filiada, deve ser festivo êste mês. Vais continuar a obra bela da tua formação. Reatar laços de camaradagem. Aprender a preparar-te para a vida. Responde à chamada de todo o teu coração: "presente"!

Outubro

S	1	S. Remígio	S	13	St.º Eduardo	S	20	S. João Câncio
T	2	St.os Anjos da Guar.	D	14	21.º dep. do Pentec.	D	21	22.º dep. do Pentec.
Q	3	St.ª Teresa do M. J.	S	15	St.ª Teresa de Jesus	S	22	St.ª Maria Salomé
Q	4	S. Franc. de Assis	T	16	St.ª Edviges	T	23	S. Severino
S	5	St.os Plác. e Comp.	Q	17	St.ª Marg. Maria	Q	24	S. Rafael Arcanjo
S	6	S. Bruno	Q	18	S. Lucas	Q	25	St.os Crisan. e Dar.
D	7	20.º dep. do Pentec.	S	19	S. Pedro de Alcânt.	S	26	St.º Evaristo
S	8	St.ª Brígida				S	27	S. Gonçalo de Lagos
T	9	S. João Leonardo				D	28	Cristo-Rei
Q	10	S. Franc. de Borja				S	29	Trasl. de St.ª Isabel
Q	11	Mater. de N.ª S.ª				T	30	St.º Afonso Rodrig.
S	12	S. Serafim				Q	31	Vig. de Todos os St.os

A primavera convida à vida ao ar livre. "Já cantam as rôlas . . . Vem!" Goza com entusiasmo os teus dias de campismo. Ar puro! sol! liberdade! boa camaradagem! Tudo isto é bom e dá alegria de viver.

Março

Q	1	St.º Albino	T	13	Bt.as Sancha e Maf.	T	20	S. M., Arc., de B.
S	2	St.os Lúcio e Com.	Q	14	St.ª Matilde, Rainha	Q	21	S. Bento
S	3	St.ª Conegundes	Q	15	S. Longuinhos	Q	22	S. Basílio
D	4	3.º da Quaresma	S	16	St.º Agapito	S	23	N. S.ª das Dores
S	5	S. Teófilo	S	17	S. Patrício	S	24	S. Gabriel, Arcanjo
T	6	St.as Perpét. e Fel.	D	18	Paixão	D	25	Ramos
Q	7	S. Tomás de Aquino	S	19	S. José	S	26	S. Manuel
Q	8	S. João de Deus				T	27	S. João Damasceno
S	9	St.ª Fran. Romana				Q	28	S. João Capistrano
S	10	St.os 40 Mártires				Q	29	Quinta-Feira Santa
D	11	4.º da Quaresma				S	30	Sexta-Feira Santa
S	12	S. Gregório Magno				S	31	Sábado Santo

A PADROEIRA

Pelo P.[e] MOREIRA DAS NEVES

Virgem da Conceição, tôda de branco,
Tôda de branco, como a luz do céu:

Na sombra e glória dos tempos,
És a nossa Padroeira,
A bem de Portugal, que te escolheu.

Caminhos das batalhas e das ondas,
Jamais neles a Pátria achou embargo...

Porque Tu foste comnosco,
Sempre de olhos acordados
A olhar para o Alto e para o Largo.

Alguém te viu, Divina Costureira,
De carinhosas mãos imaculadas...

Alguém te viu, muitas vezes,
A remendar, contra os ventos,
O velame das náus esfrangalhadas.

Tens doze estrêlas de oiro em derredor
de tua fronte eternamente pura.

E foram elas, Senhora,
Que iluminaram, em tudo,
Os nossos rumos pela noite escura.

Manhã de mil seiscentos e quarenta
Tu não faltaste, à hora de ir pr'à rua.

Na vigília Te chamaram
Os fidalgos Cavaleiros
P'ra que a vitória também fôsse tua.

E hoje, Portugal, que em Ti confia,
A Ti consagra as mães da nossa terra
.

Voltamos ao Teu regaço
Senhora da Conceição
Faz calar, lá ao longe, a voz da guerra.

Sorriste-nos em Fátima. E a graça
Do teu sorriso foi do Minho a Sagres.

Lírio de neve entre os astros,
Rosa do Horto sagrado
Desfolha em nós a flor dos Teus milagres!

HISTÓRIAS DA MINHA AVÓ

(Continuação da página 10)

reconhecia o tipo italiano de seu pai; Rosa, a mais nova, loira e rosada, azougada e alegre, era da idade de minha avó e a sua preferida. Trataram logo das suas «toilettes» para essa noite, pois teria o seu grupo de marcar pela graça e distinção, e o que foi essa véspera de Natal não o esqueceu nunca. De dia andaram pelas lojas fazendo compras para a ceia, que seria à moda francesa, adoptada em Buenos Aires, nesse tempo, depois da missa. E as meninas todas faziam pratos para ela, pois todas eram boas doceiras e excelentes cozinheiras.

Depois de jantar estavam tôdas efervescentes com a ideia da festa. Terminada a novena ao Menino Deus, começaram a fazer a sua «toilette para ir à missa. Corriam de uns quartos para os outros em consultas e brincadeiras, rindo com alegria. Às onze horas quando entraram na sala vinham lindas. Todas quatro com vestidos de cassa branca bordada, as saias tufadas no balão, e cobrindo os decotes, chales brancos de Nanquim bordados, e na cabeça mantilhas de renda branca, pois conservavam ainda o uso espanhol da mantilha para a Igreja.

As duas senhoras que as acompanhavam estavam muito elegantes com os seus vestidos de «taffetás» pretos e mantilhas da mesma côr, cintilando através da renda os brilhantes que lhes ornavam os cabelos, orelhas e pescoços. E o grupo saiu escoltado pelos irmãos de minha avó e o noivo de Ramona, três «guapos caballeros» como ela dizia.

Minha avó, tôda de branco, tendo ao pescoço o colar de pérolas que sua mãe lhe dera no dia da sua primeira comunhão e na mão o livro encadernado de madrepérola, parecia-lhe que ia novamente para a 1.ª comunhão, essa festa que sempre lhe lembrava. E quando entrou na Catedral que deslumbramento teve! Cheia de meninas, todas de branco, e de senhoras vestidas de preto, o espectáculo era deslumbrante numa verdadeira sinfonia de branco e preto, onde cintilavam as jóias das senhoras, e algumas tinham profusão delas, nesse país e nessa cidade de milionários! A missa cantada e a grande instrumental deslumbrou-a, mas deu-lhe menos emoção que a missa simples e modesta da Igreja de Dolores. Tinha a impressão dum espectáculo de ópera. A' saída a multidão cumprimentava-se entre conhecidos, dando-se as boas-festas. Ao chegar a casa esperava-as a ceia e em cada lugar os presentes do Menino Jesus. E tôda a vida minha Avó conservou o lindo leque de madrepérola e renda, que entre outras lembranças encontrou debaixo do guardanapo. Mas depois de dançarem e cantar ao piano e recitar versos, o que tanto se usava então, quando recolheu ao seu quarto e chegou à janela viu na noite quente e suave a expansão de alegria de tôda uma cidade. De todas as casas saíam sons de música e de risos; cada janela iluminada enviava ao céu a sua luz festejando o nascimento de Jesus. Minha avó, apesar de nova ainda, mas habituada a reflectir como todas as que estão habituadas a viver nas grandes solidões, comparou a alegria exuberante do Natal de Dolores, ou o familiar Natal da estância, e, sentiu saüdades da casa e das criadas, dos «gaúchos» e vaqueiros, que a todos conhecia, e disse à sua criadita Consuelo, que a ajudava a despir e que chorava com saüdades da mãe:

— Tens razão, Consuelo, aqui é mais alegre e grandioso, mas também eu me lembro da estância, do presépio, da nossa gente. Lá não temos missa, mas estamos talvez mais perto do Menino Jesus. E assim, mais tarde, nas noites frias de Natal, na Europa, rodeada de filhos e netos, ela lembrava com saüdade essa primeira noite de Natal passada em Buenos Aires, no bulício da grande cidade, e também o Natal tranqüilo da estância numa grande saüdade da sua infância, da sua adolescência, da sua mocidade, a saüdade imensa da família que ficara da Pátria distante, que o amor que aos seus tinha não fazia esquecer.

Maria d'Eça

Pormenor do quadro APRESENTAÇÃO DA CABEÇA DE SÃO JOÃO BAPTISTA

CESTOS PORTUGUESES DO SÉCULO XVI

DENTRE os objectos de uso comum que aparecem nos painéis dos nossos pintores do século XVI, os cestos de vime são dos mais representados.

E' nos retábulos da vida de Cristo e da Virgem que esta humilde alfaia doméstica se vê freqüentemente, como um dos pormenores dêsse intimismo tão peculiar da pintura portuguesa quinhentista.

Nas Anunciações, a cestinha de costura com o dedal e a tesoura aparece junto do Livro de Horas, cuja leitura a Virgem interrompe para receber a mensagem do anjo, ou pousada sôbre qualquer móvel dos pitorescos e curiosos interiores onde se desenrola a milagrosa cena.

Nos Presépios, há grande variedade de pequenos cestos em que Maria e José trazem os parcos víveres e os pastores apresentam as suas oferendas ao Menino Deus. Por vezes, de dimensões maiores e cheios de feno sob alva toalha, servem de berço a Jesus.

Na Fuga para o Egito, torna-se acessório indispensável porque nele recolhe São José alguns frutos para as primeiras horas da jornada. E' a Virgem quem o leva, montada no

jumento, com o Menino aconchegado nos braços, e os anjos vergam os ramos das árvores para José mais ràpidamente encher o açafate e fugir aos soldados de Herodes que se divisam nos últimos planos da païsagem.

Na Apresentação no Templo, as rôlas e os pombos prescritos pela Lei são geralmente trazidos dentro de um cestinho por São José ou por qualquer dos personagens que assistem à cerimónia, envergando sumptuosos trajes quinhentistas.

Nas cenas da Paixão servem ainda para o algoz levar os cravos e o martelo e, em algumas Ressurreições, constituem pormenor curioso repletos de vitualhas para os soldados que guardam o Túmulo.

No Nascimento e Morte da Virgem são motivo habitual da composição, aparecendo com as oferendas para Santa Ana e entre as mèzinhas,

Pormenor do painel JESUS EM CASA DE MARTA. Escola Portuguesa. 1.º terço do século XVI. (Viseu. Museu de Grão Vasco)

Pormenor do tríptico ÚLTIMA CEIA. Escola Portuguesa. 1.º terço do século XVI. (Viseu. Museu de Grão Vasco)

APRESENTAÇÃO DA CABEÇA DE SÃO JOÃO BAPTISTA. Escola Portuguesa. 1.º terço do século XVI. (Tomar, Igreja de São João Baptista)

sôbre a banqueta, junto ao leito onde Nossa Senhora agonisa, rodeada pelos Apóstolos. E nos deliciosos quadros da Virgem com o Menino e os Anjos, quanta vez estes trazem a Jesus flores e frutos dentro de airosos cestinhos.

Acidentalmente encontramos também esta alfaia em outros passos da vida de Cristo e dos santos.

Na *Ultima Ceia*, proveniente do Paço Episcopal de Fontelo, o menino que está sentado junto da bacia do Lava-pés, segura um cêsto de forma idêntica aos que hoje se usam na região de Viseu e se chamam «amieiras». (Fig. 1).

Cestos do mesmo tipo aparecem em outros quadros da Escola de Viseu, enquanto que nos painéis da Escola de Lisboa predominam os de formato redondo, iguais aos que se encontram actualmente em diversas regiões do país. (Fig. 2). Aspecto menos usual revelam os outros açafates, tão graciosos, reproduzidos nestas páginas. (Fig. 3 e 4).

O pormenor da fig. 2 pode considerar-se o documento mais interessante da nossa pintura quinhentista relativamente a esta alfaia doméstica.

APRESENTAÇÃO DO MENINO NO TEMPLO Escola Portuguesa. 1.º terço do século XVI. (Viseu. Museu de Grão Vasco)

O quadro mostra a sala de um palácio, com docel armado sôbre a mesa onde se sentam Herodes e Herodíades; tapetes orientais cobrem o chão; no fundo há um escaparate com peças de baixela de rico lavar. O recinto abre para uma galeria onde passeiam cortezãos e no primeiro plano brincam pagens; as personagens envergam opulentos trajes de côrte, particularmente Salomé e Herodíades. Sôbre a mesa, a par de um cuvilhete de metal lavrado, há vários cestos com frutos.

Parece portanto que esta singela alfaia doméstica servia habitualmente à mesa de príncipes, apesar de ser simples artefacto de indústria popular, tal qual os púcaros de Estremoz e preferidos pelo rei D. Sebastião, a copas de ouro, para beber água.

Maria José de Mendonça

JANTAR DE NATAL

ESTAS três meninas da Mocidade são muito modernas e práticas (ser «moderna» não quere dizer ser malcreada...). Sabem bem que é impossível fazer aqueles grandes jantares à antiga, em que a variedade dos pratos, a profusão dos doces e a delícia dos vinhos, faziam crescer água na bôca aos menos gulosos! Decidiram elas fazer o jantar, vestiram as suas batas brancas e puzeram mãos à obra. Foram ajudadas pela cozinheira... que matou o perú, e depenou e tirou as tripas... Mas as idéias foram só delas assim como o arranjo da mesa, com uma árvorezinha de Natal ao centro.

A «ementa» foi a seguinte:

«Sopa de leite»
«Perú assado, com batatas palha»
«Supromo de ananás»
Vinhos Frutas

As meninas chamavam-se: Ana, Gracia e Madalena. Dividiram o trabalho assim: A Gracia, como é a mais gorda, assou o perú, que dá mais que fazer (tem que se abrir o forno para o regar). A Ana fez os rolos de pescada e a Madalena o doce. A sopa foram tôdas. Guiaram-se pelas seguintes receitas que já se sabia que davam bom resultado.

Sopa de leite

(A porção indicada é para uma pessoa.)
1 chávena de leite quente;
1 colher de chá de manteiga;
1 colher de chá de farinha;
1/4 de chávena de hortaliças cozidas.

Passar as hortaliças por um passador grosso. Derreter a manteiga. Misturar bem a farinha com o leite quente e o resto das coisas. Acabar de cozer em «Banho-Maria».

Rolos de pescada com camarão

Depois da pescada limpa cortam-se uns filetes de 10 centímetros de comprido por 5 de largura. Põem-se num prato grande e temperam-se com sal, pimenta, limão e um pouco de vinho. Deitam-se numa caçarola duas colheres de sopa de manteiga com duas colheres de sopa de farinha, leva-se ao lume e deixa-se cozinhar algum tempo. Deita-se, a pouco e pouco, leite quente e vai-se mexendo sempre.

Tem-se cozido e descascado uma porção de camarão, guardando-se alguns grandes. Da água em que se cozeu o camarão e que se poz a ferver com as cabeças, tira-se alguma para deitar no creme que se fez e ao qual se juntam os camarões descascados, temperando-se com sal, pimenta e duas gemas de ovos. Depois dêste creme bem frio, escorrem-se os filetes, mete-se-lhes dentro um pouco de creme, enrolam-se e atam-se. Põem-se num prato de ir ao forno, em pé, com uma pouca de manteiga e o môlho em que se puzeram os filetes a marinar. Metem-se no forno só o tempo preciso para cozer o peixe.

Faz-se uma porção grande de puré de batata, que se coloca em pirâmide numa travessa. Espetam-se à roda os rolos de pescada e guarnecem-se com os camarões que ficaram e um pouco de puré de ervilhas, passado pelo saco de pano, com funil fino. Do resto da água do camarão faz-se um môlho, que se põe à roda do puré.

Perú assado, recheado de puré

(O perú fôra morto de véspera e depenado a sêco.)

Depois de muito bem limpo, chamusca-se e ata-se; esfrega-se muito bem com sal e põe-se numa assadeira, cobrindo o peito com fatias de toucinho e bocados de manteiga. Enche-se o papo com o seguinte: cortam-se em bocadinhos os miúdos do perú e levam-se ao lume a alourar em manteiga; depois de cozinharem um pouco deita-se-lhe um cálix de vinho branco, sal, pimenta e um ramo de cheiros; estando pronto tiram-se os cheiros e junta-se-lhe uma porção de puré de batata. Coze-se bem o papo para não sair o recheio. Vai ao forno, rega-se várias vezes com o próprio môlho. Começando a alourar tira-se um instante do forno, rega-se com um cálix de vinho do Porto e volta para o forno a acabar de cozinhar. Serve-se com agriões e batatas «palha.»

Supremo de ananás

Uma chávena de amêndoas descascadas;
2/3 de chávena de manteiga;
1 colher de sopa de farinha;
1 colher de açúcar;
1 colher de sopa de fécula de batata;
4 ovos;
1 colher de sopa de marmelada de damasco, baunilha, Rhum ou Kirsh;
1 chávena de creme Chantilly;
Ananás migado em tiras de ananás;
Geleia de fruta.

Esmagam-se as amêndoas, no almofariz, juntamente com o açúcar; numa tijela misturam-se com marmelada de damasco, trabalhando a pasta com uma espátula e juntando os ovos um a um, de modo que a massa fique bem macia. Depois de 10 minutos de trabalho, junta-se a farinha e a fécula peneiradas, a baunilha e o licor. Feita esta mistura, deixa-se de mexer, mas levanta-se a massa suavemente, deitando-se-lhe a manteiga derretida.

Deita-se então numa fôrma untada e pulvilhada com farinha e vai a cozer em forno brando.

Recheia-se depois de frio com o ananás migado e uma parte de creme Chantilly, enfeita-se por cima com o resto do creme, as tiras do ananás e pedacinhos de geleia vermelha.

* * *

Tanto o arranjo da mesa, como a árvore de Natal e as bolinhas de côres, entre os enfeites prateados, estendidos pela toalha branca aos SS, e o excelente jantar, foram ovacionados pela familia reünida. Ninguém esperava que saisse tudo tão bem. As três irmãs foram muito elogiadas e o avô deu-lhes uma caixa muito bonita com bonbons deliciosos, exatamente como se fôssem umas senhoras crescidas.

Francisca d'Assis

LENDAS DO NATAL

A fugida para o Egipto foi um dos motivos que mais se prestou para tecer lendas em volta do Menino Jesus.

O Evangelho — o livro da Verdade — conta-nos assim a fuga para o Egipto: «O Anjo do Senhor apareceu em sonhos a José dizendo: Levanta-te, toma o Menino e sua Mãe, foge para o Egipo e conserva-te lá até que eu te avise, porque Herodes busca o Menino para o matar». (Mat. II, 13).

Esta a verdade histórica.

Mas podemos imaginar essa partida apressada... Nossa Senhora, levando o Menino ao colo, montou sôbre a jumentinha e S. José seguia a pé, a seu lado.

Partiram pela calada da noite; uma noite de inverno fria e agreste, noite de trevas e inquietação para os corações de Maria e de José, receosos pelo Menino...

José procurava desvendar com os olhos as sombras do caminho. Maria apertava ao peito o seu Filhinho, como a querer metê-lo, para O esconder, no próprio coração!

E a burrinha apressava-se, como se também pressentisse o perigo que corria o seu Senhor.

Quando rompeu a manhã, Maria sentiu-se cansada e o Menino chorava com fome.

Pararam. Nossa Senhora entrou numa gruta para repousar um pouco e amamentar Jesus.

Uma gotas do seu leite virginal caíram sôbre a terra que ficou sagrada para sempre.

Lenda? Realidade? A tradição guardou êste passo da fugida para o Egipto e ainda hoje os peregrinos entram piedosamente nessa gruta, conhecida por «gruta do leite», e ajoelham e beijam o chão...

Mas estavam ainda perto de Jerusalém, onde Herodes invejoso e cruel tramava a morte do Menino.

Tinham de continuar a viagem, sem tardar, para mais longe, para o lugar marcado por Deus, para o deserto árido, mas na sua amplidão acolhedor.

A burrinha enterrava as patas na areia e José arrastava-se como podia...

Maria repassava na sua lembrança as palavras do velho Simeão e sentia já a ponta da espada de dôr, que êle lhe profetizara, a enterrar-se-lhe no coração.

O seu Menino, tão pequenino, e já os olhos a querer-lhe assim mal!...

Três dias e três noites caminharam.

Uma noite, descansaram — segundo a tradição — junto duma árvore que ainda hoje se conserva. E dizem que a árvore, quando N.ª Senhora se sentou junto dela, estendeu os seus ramos de modo a formar um docel para a Rainha do céu e o Filho de Deus.

Alta noite passou um bando de chacais a uivar. O Menino agarrou-se a sua Mãe Santíssima e pôs-se a chorar!

Cheia de aflição, a Virgem olhou à sua roda, sem saber onde se havia de esconder: e viu que a árvore, compassiva e carinhosa, lhe abria o tronco para nela se refugiarem e os chacais não fazerem mal ao seu Menino!

Fugidas para o Egito
Livro de Horas. — Escola Portuguesa

Na manhã seguinte, Maria, cheia de sêde, pediu a José que lhe fôsse buscar uma pinguinha de água, mas era tão má que a não pôde beber.

Então o Menino, que brincava no chão, escavou a terra com as mãozinhas, e logo um veio de água brotou, tão pura e cristalina como a água que corre nos rios do Paraizo...

E a árvore que abrigou a Sagrada Família nunca mais secou, regada por aquela água milagrosa!

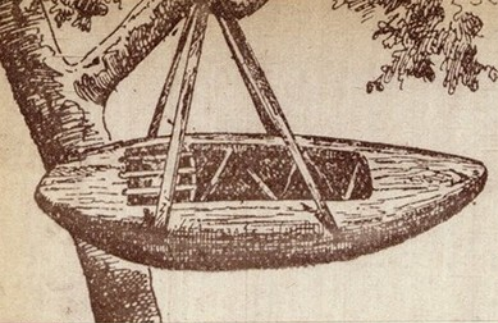
Outra lenda — a da iluminura do «Livro de Horas» que reproduzimos — conta que os Anjos acompanhavam a Sagrada Família e a serviam.

José apanhava na ponta do manto os frutos que os Anjos colhiam nas árvores e lhe lançavam lá de cima.

Outros Anjos traziam, a Nossa Senhora, em cestinhos, ovos e pão.

E mais uma fonte milagrosa ficou a correr no deserto, a recordar que por ali tinha passado Aquele que um dia diria: «O que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sêde; a água que eu lhe der, virá a ser nêle uma fonte de água que jorra até à vida eterna!» (João IV, 13-14).

Lendas do Natal! E' encantadora a sua graça e poesia; mas mais bela é ainda a realidade, mesmo despida de tôda a fantasia: «Um Menino nos foi dado» — e êsse Menino é o Filho de Deus!

Coccinelle

BERÇOS

TODOS os anos as filiadas da M. P. F. oferecem à «Obra das Mães», para serem distribuídos por mães necessitadas, berços e enxovais que elas próprias confeccionaram carinhosamente.

Vem, pois, a propósito falar de berços no nosso Boletim, neste mês da «festa dos berços»!

O primeiro berço foi, sem dúvida, os braços da mãe, que instintivamente acolheram e embalaram o seu menino...

E ainda hoje o regaço da mãe continua a ser berço dos filhos, embora para êles se tenham inventado berços de mil formas.

Baixos relêvos mostram-nos berços gregos em forma de cêstos, que serviam para deitar e transportar as crianças (tudo se repete, hoje usam-se as seiras...)

Os primitivos berços romanos eram muito simples: tinham o feitio duma telha, o que facilitava o embalar da criança, que, para não cair, se prendia ao berço com fitas largas.

Com o andar dos tempos e o desenvolvimento da civilização, os berços foram-se aperfeiçoando e enriquecendo.

Mas, até ao século X, nas classes pobres o berço limitava-se quási sempre a um pedaço de tronco, escavado no interior; a parte exterior, pela sua forma convexa, fazia o balouço.

No Alentejo ainda existem berços dêste género, feitos num tronco de cortiça, abaulado, fechado nos extremos por dois bocados de cortiça, a direito.

Na Idade Média os berços eram também muitas vezes cêstos de verga.

Pelo século XII os berços começaram a ter o formato que ainda hoje conservam a maior parte dos berços das nossas aldeias: uma espécie de caixa comprida e baixa, colocada sôbre dois suportes de feitio de meia lua, que permitem a oscilação.

Hoje, reprova-se o costume de embalar as crianças, mas, antigamente, não se compreendia um berço que não continuasse o embalo dos braços da mãe.

No século XV, nas famílias nobre e ricas, começaram a aparecer os berços altos e com cortinados, alguns com brazões nos dosséis.

No século XVIII e princípio do século XIX os berços assemelhavam-se a pequenas camas.

Também, desde essa mesma época, aparecem os berços em forma de barcos suspensos pelas extremidades para balouçarem.

Actualmente, de vime de ferro ou de madeira, os berços já não são oscilantes.

No século passado e ainda neste, alguns berços são verdadeiros açafates de seda, acolchoados, e enfeitados até alguns com rendas preciosas. Presentemente, procuram simplificar-se os berços e escolhem-se para os forrar tecidos laváveis, que se armam de modo a poderem-se fàcilmente tirar do berço. Não se deve atender apenas ao luxo, mas também à higiene.

Embora com certas modificações, os berços, no fundo, são sempre os mesmos: feitos de pinho ou de madeiras raras, de ferro ou de metais preciosos, na simplicidade da sua pobreza ou ornados com esculturas e pinturas, forrados de chita ou acolchoados de sedas caras, qualquer que seja a sua humildade ou a sua riqueza, um berço é sempre um ninho: um sonho de amor que a mãe materializa, tornando-o o mais belo e aconchegado que pode!

Nos povos menos civilisados, naqueles que ainda se conservam perto da natureza, os berços e os ninhos teem por vezes uma estranha semelhança.

Algumas tribus indianas constroem os berços com vimes entrelaçados: é um verdadeiro ninho em ponto grande.

Certas tribus de peles vermelhas, fazem uma espécie de saco com um buraco por onde espreita a cara da criança (Lembram o ninho do *abelharuco*).

Na India, na Lapónia, na Sibéria, etc. os berços e os ninhos encontram-se muitas vezes quási a par sôbre a mesma árvore: as mães penduram-nos nos ramos das árvores, suspensos por correias, para defenderem as crianças dos animais e se pouparem ao trabalho de embalar os filhos: qualquer movimento da criança basta para fazer oscilar o berço.

Quási todos os berços dos povos de costumes ainda primitivos são portáteis: as mães, quando teem de transportar os filhos, atam os berços aos ombros, ao peito ou à cintura.

Nos esquimòs não existem berços, propriamente ditos. Em casa as mães deitam os filhos no chão sôbre peles de urso ou de outro qualquer animal de pêlo quente. Quando saiem, levam-nos dentro do capuz do seu fato de pele.

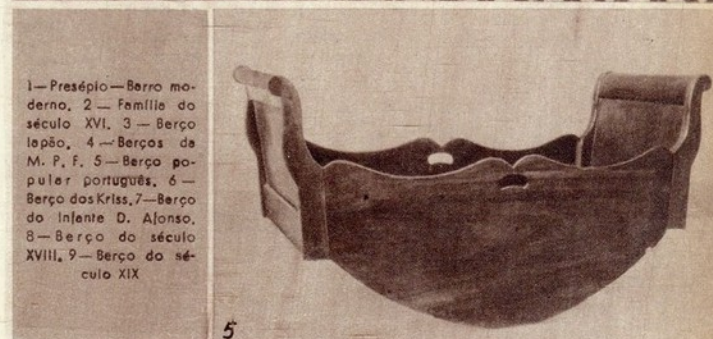
Mas poderemos nós, que já nos referimos a tantos berços, deixar de falar do berço mais célebre do mundo, aquele em que o Filho de Deus foi reclinado pela mãe mais santa das Mães?

O primeiro berço de Jesus foi uma pobre mangedoura de animais, numa gruta de Belém.

Aquele que desceu dos Céus não teve o acolchoado dum berço rico para repousar o seu corpo divino, nem as penas quentes dum ninho de passarinho...

Encontrou apenas tábuas duras, palhas ásperas e o bafo quente de dois animais a aquecê-lo.

Mas para suavisar tanta pobreza, teve o sorriso da Mãe admirável, o cantar dos Anjos, os presentes dos pastores e o nosso amor! Com isso se contentou.

Maria Joana Mendes Leal

1 — Presépio — Barro moderno. 2 — Família do século XVI. 3 — Berço lapão. 4 — Berços da M. P. F. 5 — Berço popular português. 6 — Berço dos Kriss. 7 — Berço do Infante D. Afonso. 8 — Berço do século XVIII. 9 — Berço do século XIX

MARIA RITA SOLTEIRA

Eu respondi logo:

— Casar com o José João?! Deus me livre de tal!

A Isabel abriu grandes olhos e chamou-me catavento... o que nada me agradou, confesso (embora lhe dê razão...)

A Lixa, que adora o irmão, já percebeu que eu não estou virada para o José João. — Dantes, Mirri, eras diferente...

— Talvez... — murmurei eu, quási inconscientemente.

Quando chegámos a Sitiais, onde queríamos tomar o nosso chá, quem é que ali apareceu, sem ninguém esperar?! O António! A Luizinha, que é doida por êle, saltou-lhe ao pescoço; e a Luli... côrou, de contente, até à raiz dos cabelos. Eu, nem sei porquê, estava um pouco nervosa; mas já achei o António menos embirrento. A Lixa detesta-o, não há dúvida! E preguntou-lhe, sacudida:

— Como é que você soube que vínhamos para Sitiaes?

— Nada de denúncias! — respondeu o António, a rir (mas eu desconfio que o Nuno é que lhe disse o programa da tarde...)

O fim daquele dia foi, na verdade, delicioso! E, apesar do José João permanecer embezerrado e se queixar de uma misteriosa nevralgia (nunca se soube onde), a volta para Lisboa foi divertida.

O António, afinal, é alegríssimo! Êle e a Luli contaram histórias todo o caminho; e a Lixa dedicou-se ao Manuel, que tem por ela um grande entusiasmo. O Xana, que prefere o «sport» a tudo mais, lembrou-se de explicar à pobre Isabel todos os mistérios, tôdas as belêsas, do «foot-ball»! E como ela é uma espécie de «mãe» dêles todos, mostrou interêsse pelo assunto. O que levou o Xana a declarar, com profunda convicção:

— Inteligente a valer é a Isabel! Que belo «goal-keeper» se faria dela se fôsse rapaz! Mal empregada...

O nosso baile é já amanhã. O meu vestido ficou um amor: côr de rosa muito pálido e vaporoso, com um enorme laço em «taffetá...»

CAPÍTULO VII

Afinal, não me diverti tanto como supunha... Muita gente, muita animação, a música óptima (embora não fôsse o Jazz dos malucos), e a ceia estupenda! Mas, apesar de tudo isto, repito, não me diverti como esperava: nem sei porquê! A Luli, a certa altura, disse-me:

— Que tens tu, Mirri? Não há direito...

E a patètinha da Lixa, quando passou por mim, dançando com um diplomata espanhol, segredou-me:

— Sim, sim minha rica, falta cá o «africano»...

Naturalmente ela referia-se ao António Cabral, que não foi ao baile. Eu nem lhe respondi; mas fiquei mal disposta tôda a noite.

O José João dançou comigo três vezes; bastante casmurro, valha a verdade.

De repente, com uma gravidade inesperada, preguntou-me:

— Queres ir amanhã jogar o golf?

— O golf? Não sei se a Mademoiselle pode ir comigo — respondi.

— Indo a Lixa ou o Gonçalo já não precisas da Mademoiselle.

Eu fiquei calada.

— Estás sorambática, Mirri — tornou êle.

— E é mesmo — disse eu — nem sei por quê... — acrescentei.

— Sei eu... — resmungou êle.

— Estás a falar sòzinho? — preguntei, espevitada.

— Cá me entendo! — E assim nos separámos, amuádos, ambos.

Daí a dias, ao jantar, o Pai, com um ar malicioso, anunciou uma novidade: mas sem dizer o que era.

— Meus filhos, tive hoje uma espécie de «conferência» no meu escritório!

— O Paisinho — gritou a Luisinha — parece que gostou da conferência!

— A falar a verdade — tornou o Pai, a rir — não a tomei muito a sério.

— Posso pôr-me a adivinhar? — pregun-tou o Xana, que é curiosíssimo.

— Uma pregunta cada um! — respondeu o Pai.

— Trata-se de nós? — preguntou o Manuel.

— Claro! — disse o Pai.

— Não preguntas nada, Mirri? — disse a Luizinha, voltando-se para mim.

Não sei por que razão, corei até à raiz dos cabelos! E o Nuno gritou logo:

— A mana iluminou! — enquanto os outros espetaram os olhos na minha cara afogueada... e fala!

O Xana, então, exclamou:

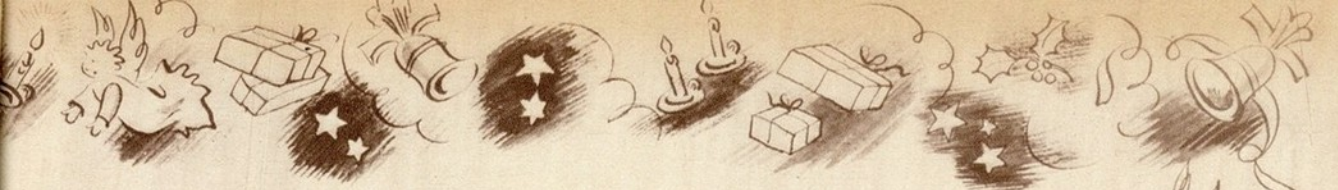
— Trata-se da Mirri!

— Quente — disse o Pai.

— Oh Rita! — murmurou a Mademoiselle, apertando-me o braço e olhando-me com uma ternura fora de propósito.

— Oh filho — interveio a Mãe — acho melhor acabar com êste jôgo ridículo. Olha, Maria Rita, é de ti que se trata, realmente.

Eu estava deveras embaraçada, quási a chorar, sem saber porquê...

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

— O que é, Pai? — murmurei.
—Se não estivéssemos à mesa, eu cantava a Marcha Nupcial de Mendelssohn — exclamou o Xana.
— Ainda bem que estamos à mesa — replicou o Nuno.
— Pois foi hoje ao meu escritório procurar-me uma pessoa... que declarou ter um sonho na vida...
(Os manos, que malucos, deram palmas!)
— Juízo, filhos! — disse o Pai, continuando:
— Essa pessoa aspira a casar contigo, Maria Rita.
Eu suspirei fundo... Mas não disse nada.
— Então, nem preguntas quem é, minha filha?... — tornou o Pai, com um bom sorriso. Para quê fazer essa pregunta, pensei eu; sei tão bem de quem se trata... E o meu coração, que até ali nunca batera, saltava-me, agora, dentro do peito! Não pude dizer nada...
— Acho melhor a Maria Rita pensar em sossêgo — disse a Mãe.
E, como já todos se levantavam da mesa, o Pai, cingindo-me de encontro ao peito, tornou, com meiguice:
— Anda cá, filha querida, és ainda uma criança. Pensa em sossêgo, dorme sôbre o caso, e não te precipites. Depois me dirás o que devo responder ao José João.
— Ao José João?! — gritei eu — Oh Pai! — e, rompendo num chôro convulso, saí a correr da casa de jantar, e fui deitar-me sôbre a cama, onde a Mãe veiu logo ter comigo.
Beijando-me ternamente a Mãe murmurou:
— Não digas nada, meu amor; nada precisas de explicar... que eu não saiba já... Deixa passar o tempo; tantas coisas mudam e se modificam... Crê, queridinha, que tudo o que nos acontece é sempre para nosso bem: para um fim que desconhecemos...
A Mãe falou... falou...
E as suas palavras boas e carinhosas acalmaram o meu coração desapontado...

(Continua)

CHÁ DA COSTURA

— Que belas festas vou ter para êste Natal: dois bailes, nem menos! — exclamou Joana, entusiasmada.
— E eu! — gritou Alice.
— As festas no Natal são sempre parecidas — observou Rita, cosendo — A missa da meia-noite, a consoada, as prendas nos sapatos, o jantar de família...
— Nem sempre se reduzem a essa semsaboria — disse Joana.
— Não dizes nem um pio, Clara?! — tornou Joana.
— Pois parece-me que tenho *muito* que lhes dizer sôbre o Natal, ricas — respondeu Clara, com gravidade.
Tôdas a olharam com espanto sincero.
As preguntas cruzaram-se.
— Porque estás tão séria? Aconteceu-te alguma coisa? Tiveste aborrecimentos?
Clara sorriu e respondeu:
— Nada disso, meninas. Mas a impressão que vocês me dão com o vosso *Natal* é tão estranha...
— Porquê?! Como é isso, Clara? Que idéia! — gritaram algumas, parando de coser.
Clara continuou:
— Sim, meninas! O Natal, para verdadeiros *cristãos*, não é uma festa como qualquer outra, comparável às outras, idêntica a tantas que se realizam pelo inverno adiante. O Natal é a *Festa religiosa* por excelência: onde domina, e não pode deixar de dominar, o espírito religioso, místico, elevado...
Clara calou-se um momento. Depois continuou:
— A parte profana da festa do Natal é uma espécie de *concessão* às nossas profaníssimas pessoas, percebem? Mas nunca deverá constituir a base, o fundo, o *sentido* do Natal.
— Então no Natal não se pode rir, nem dançar, nem jogar, nem entrar em divertimentos? — exclamou Joana, amuada.
— Oh Jana, Jana, sempre me saíste uma patètinha... — respondeu Clara.
— Ora essa — tornou Joana — é mais ou menos o que tu pretendes de nós: espírito religioso, místico, elevado...
Clara riu e tornou:
— Para falar a verdade não acho que os *bailes* estejam harmónicos com o Natal. O povo das aldeias, aliás, dançava os seus ingénuos bailaricos em honra do *Menino*, festejando dessa maneira rústica, quási a única à altura da sua mentalidade e do seu sentimento) a alegre Festa do Nascimento de Jesus. Mas...
— Já vês, Clara... — cortou Joana.
— Queres comparar a maneira de sentir da sociedade culta à rusticidade popular, Joana? — tornou Clara, a sério — O alto sentido do Natal, na sua profundeza, é *mais* do que uma manifestação de alegria. E' a transformação social, moral, religiosa que se fez no mundo inteiro, lembra-te bem!...
E' o nascer, em nós, de tudo o que temos de melhor, de mais delicado, mais espiritual...
Joana ficou pensativa e cabisbaixa. Depois declarou:
— Ainda és capaz, com as tuas explicações, de me virar do avêsso...

PARA LER AO SERÃO

ORAÇÃO DE CRIANÇA

ERA no dia de Natal. No campanário da igrejinha aldeã, o sino baloiçava alegremente, chamando à Missa de Festa.

A neve caía lentamente sôbre a pequenina aldeia acomodada na falda da grande Serra da Estrêla, gelando impiedosamente os corpos.

As mulheres tiravam da arca os seus chailes mais grossos, os homens embuçavam-se nos capotes e as crianças envergavam um velho casaco do pai. E todos acorriam ao chamamento do sino, atarefados, alegres.

No arraial, ou adro da igreja, parado, um rapazinho de pouco mais de cinco anos tiritava de frio.

O pai, que transportava, num carrito, hortaliça para abastecer a cidade, caíra, havia já tempo, duma ribanceira e fôra morrer lá em baixo, no vale, gemendo sob o pêso dum enorme pedregulho que rolara sôbre êle. A mãi, minada pelo desgôsto, pelo trabalho e pela doença, em breve foi para junto do marido, deixando o filhito desamparado. A criança comia uns bocaditos de broa ou um caldito que lhe davam e dormia por muito favor numas linhagens que o tio Zé Forneiro lhe colocara sôbre uns ramos de castanheiro, na casa da lenha.

Não tinha ninguém e o seu corpito, envolvido nuns miseráveis trapos, ali estava exposto à neve. Misturado com a multidão, entrou também na igreja. Lá em cima, junto da capela-mór, avistou um lindo menino, deitado nas palhinhas, rodeado duma senhora e dum velhinho, que sorria bondosamente. Aproximou-se receoso e notou que a população da aldeia, ali ajoelhada, falava baixinho, dizendo o que quer que fôsse. Tentou preguntar à Tia Josefa o que fazia, mas esta, irritada por interromper as suas preces, mandou-o embora com dureza.

A criança obedeceu, mas queria compreender, queria compreender porque falavam baixinho com aquêle menino. E chegando à porta, preguntou-o a um homenzito que ia a entrar.

— Rezam — respondeu-lhe — pedem coisas ao Menino Jesus que tudo pode.

A criança contente agradeceu e murmurou:

— Poderei eu ir também pedir que me dê a minha mãizinha? Ah! se eu pudesse! Mas como hei-de dizer?

Um rapazote, ou por troça, ou para se fazer engraçado, volveu-lhe entre risos:

— Queres rezar, queres saber uma oração? Pois aprende esta: «Uma alcôfa tem duas asas, duas alcôfas quatro asas têm.»

O petiz agradeceu-lhe como pôde, na sua ingenuidade, na sua candura, e correu para o presépio. Já tinha começado a Missa. Os coros das crianças da catequese enchiam de suavidade a igreja. Três padres doutra região cantavam a Missa. Tinham passado os Kyries. A criancinha ajoelhou-se e volvendo os seus grandes olhos negros para o Menino Jesus, dizia fervorosamente, confiante:

— O' Menino, já não sei o seu nome, mas olhe que uma alcôfa tem duas asas e duas alcôfas quatro asas têem. Menino, vocemecê ouve-me ou preciso de falar mais alto? Dê-me a minha mãizinha, uma mãizinha como a sua, que me beije e me olhe ternamente. Dê-me um paizinho como o seu, que me sorria, e já agora, podia dar-me também umas palhinhas para eu, em vez de dormir sôbre os ramos dum castanheiro, me deitar em cima delas. Menino, vocemecê sabe que uma alcôfa tem duas asas e duas alcôfas quatro asas têm?

Uma voz dizia-lhe: «Sim, pequenino, terás tudo o que pedes.»

A criança sobressaltada fixou o Menino Jesus e viu-O sorrir-se para ela e para ela inclinar os bracinhos.

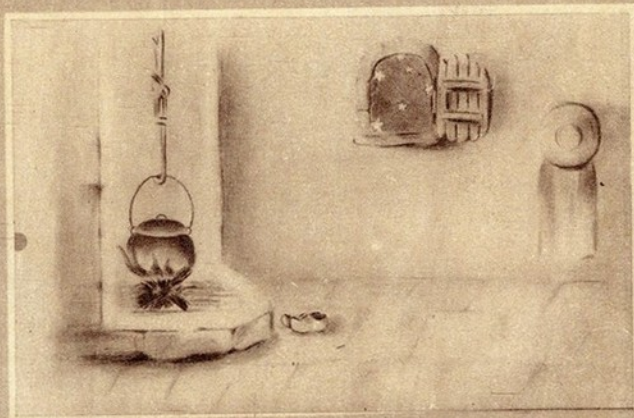
. . . .

À noite, em casa do Sr. Prior, a criancinha dormia já bem quente, sonhando com o Menino Jesus, porque o bom padre, que tinha ouvido as suas orações, compadeceu-se e levou-o consigo.

A irmã, uma velhota bondosa de rosto miùdinho e dôce, tornou-se a sua amiga, a sua protectora, a sua mãizinha. E no outro dia, já a criança orava alegremente:

«Pai Nosso pequenino, tem as chaves Deus Menino.

Celeste Morgado

Ala 2, Centro n.º 3 - Estremadura

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS